

## Sobre Celeida

HELENA SEVERO

O que mais me impressiona nos trabalhos de Celeida Tostes é a vitalidade e a urgência que eles respiram. E o que mais me impressionava na figura de Celeida era sua generosidade, que ela distribuía em torno de si, onde quer que estivesse, como se fosse a coisa mais natural do mundo. E, no seu caso, urgência, vitalidade e generosidade me parecem ser características complementares que ligam a personalidade da artista à sua obra, uma explicando a outra de maneira indissociável.

Ao longo do tempo em que tivemos contato, sempre vi Celeida falar de sua atividade e de seus materiais básicos — o barro principalmente, que ela manipulava com todo o seu amor — como parte de uma vivência primordial da memória coletiva, algo que experimentamos desde as nossas primeiras tentativas de unir a matéria ao pensamento, de captar o mundo a partir da experiência subjetiva. Uma experiência que vê no material moldável, de um lado, o simbolismo das origens míticas do homem (aquilo de que somos feitos) e, de outro, a objetivida-

de da história das civilizações (a invenção da cerâmica). Parece-me que estes dois fatores agiam simultaneamente em sua atividade, um reforçando e esclarecendo o outro a cada vez que a mão da artista tomava posse da matéria.

Assim, o primeiro impulso de Celeida não era reproduzir imagens representativas — objetos já filtrados pelo pensamento e pelo exercício de metáforas mais elaboradas e conscientes —, mas, o próprio gesto de quem pega o barro pela primeira vez, somente sob o imperativo de dar ma forma qualquer, deixar a marca de uma “expressão”, determinando o material e sendo determinada pelo material. Sua obsessão por aquele imperativo de produzir/expressar tinha, contudo, um objetivo tão universal que, por vezes, e para além do impulso individual de conformar, Celeida recorria às práticas tradicionais das sociedades para nelas encontrar constantes que enfatizassem algo além da simples vontade. Desta maneira, Celeida pesquisou comunidades marginais, ainda pouco ou nada perturbadas pela produção moderna,

procurando técnicas próprias, e desconhecidas por nós, para trabalhar a argila: Celeida resgatou e documentou sem estar preocupada com o aspecto “artístico” do trabalho: tanto faz se dirigidos para a estética ou para a funcionalidade. É fato que, freqüentemente, ela se deparou com situações em que a técnica se começava a perder em função das substituições operadas pelo objeto industrializado, mas pôde também recorrer a fenômenos totalmente isentos, como em um de seus trabalhos mais instigantes, com os ninhos de João-de-Barro.

8 Longe de produzir no isolamento de seu ateliê, Celeida estava constantemente procurando o “outro”, buscando caminhos que não estivessem limitados à sua individualidade. Por isso, ela ia às vezes buscar o essencial da atividade artística entre os membros menos privilegiados de nossa sociedade, chamando a trabalhar consigo pessoas humildes e que raras vezes são lembradas como “artistas”. Elas aprendiam não somente a entender o que Celeida queria com seu trabalho e a se identificar com ele, mas também a se identificar e a se reconhecer no seu próprio trabalho: de fato, a se encontrar em qualquer trabalho.

De tudo isso, uma das primeiras e mais importantes conseqüências é que os seus trabalhos se despojam de todo fetichismo ou de toda “aura”, e exigem do observador uma atitude bem diversa da esperada diante de uma obra de arte. Longe da entronização do objeto a que quase sempre assisti-

mos, colocado o trabalho em um “nicho ideológico”, as obras de Celeida estabelecem um diálogo de igual para igual com o espectador, em um processo de entendimento mútuo entre as partes envolvidas, e sem o qual corre-se o risco de não se ouvir (e não se ver) o que o outro está dizendo. Estabelecer uma hierarquia entre si e o outro, é esta a última coisa de que seu trabalho é capaz.

É claro, de nada valeria “des”-fetichizar a obra se a figura tradicional do artista permanecesse intocada: neste ponto reside outra das riquezas da personalidade Celeida. Ela tampouco deixou que sua figura de artista fosse sacralizada como a de um ser à parte e individualizado ao extremo. A sua curiosidade e suas interrogações constantes pareciam mais com a atitude maravilhada de uma criança que todo momento está descobrindo algo novo e, assim, redescobrando o mundo, do que com a compenetração do cientista cômico de seus títulos e conquistas. Ela era antes uma figura socrática, humilde em sua sabedoria, mas de grande estatura em sua capacidade de questionar e esmiuçar as questões.

Estas características tanto tornaram o trabalho de Celeida reconhecido onde quer que fosse exposto, quanto fizeram da artista uma figura querida onde quer que estivesse. Foi emocionante vê-la em sua última exposição no Centro Calouste Goulbenkian, já com o físico fraco mas com a disposição e a vitalidade de sempre. Naquele momento podia-se ver que a artista foi



por todos festejada, mas que o importante para ela era poder contemplar a excitação que os seus trabalhos provocavam, a troca de informações que corria da obra ao espectador, de um espectador a outro, um circuito ativo e rápido sem começo e sem fim, um situação ímpar no quadro da arte brasileira atual.

Logo depois, sua morte prematura viria a encerrar para Celeida este ciclo de convivências múltiplas, um triângulo entre a artista, a obra e o espectador. Ficaram-nos apenas os dois últimos fatores. mas suas obras mantêm, como a artista queria, a eloquência capaz de mobilizar e instigar a todos. Graças a esforços de seus amigos e parentes, a Prefeitura do Rio de Janeiro pode agora instalar ao ar livre um conjunto expressivo de seus trabalhos, no Parque da Cidade, espaço aberto onde podem brotar novas situações entre o público e a arte, e da maneira como Celeida gostaria: por necessidade interna surgida das relações entre a arte e o homem, não pelas convenções preestabelecidas de como as pessoas se devem comportar diante da arte. Relações espontâneas e independentes de qualquer preconceito.

**Helena Severo** é Cientista Política  
e Secretária Municipal de Cultura  
do Rio de Janeiro.